

SOBRE PARTIDO, MOVIMENTOS E ALIANÇAS

Lênin

[Textos Seleccionados]

<http://marxists.org/portugues/lenin/1905/12/02.htm>

O Partido Socialista e o Revolucionarismo sem Cunho Partidário

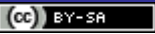
V. I. Lênin

2 de Dezembro de 1905

Primeira Edição: Novaia Jizn, n.º 22 e 27, 26 de novembro e 2 de dezembro de 1905. Encontra-se in Obras, t. X, págs. 57/64.

Fonte: Editorial Vitória Ltda., Rio, novembro de 1961. Traduzido por Armênio Guedes, Zuleika Alambert e Luís Fernando Cardoso, da versão em espanhol de *Acerca de los Sindicatos*, das Ediciones en Lenguas Extranjeras, Moscou, 1958. Os trabalhos coligidos na edição soviética foram traduzidos da 4.ª edição em russo das Obras de V. I. Lênin, publicadas em Moscou pelo Instituto de Marxismo-Leninismo, anexo ao CC do PCUS. As notas ao pé da página sem indicação são de Lênin e as assinaladas com Nota da Redação foram redigidas pelos organizadores da edição do Instituto de Marxismo-Leninismo. Capa e planeamento gráfico de Mauro Vinhas de Queiroz. Pág: 182-189.

Transcrição e HTML: [Fernando A. S. Araújo](#).

Direitos de Reprodução:  licenciado sob uma Licença [Creative Commons](#).

I

O movimento revolucionário da Rússia, ao abarcar rapidamente novos e novos setores da população, está criando toda uma série de organizações à margem dos partidos. A necessidade de união manifesta-se com força tanto maior quanto mais tempo foi contida e perseguida. As organizações, de uma ou de outra forma, se bem que frequentemente ainda não cristalizadas, surgem sem cessar, o seu carácter é extremamente original. Aqui não há limites nitidamente assinalados semelhantes aos das organizações europeias. Os sindicatos adquirem carácter político. A luta política funde-se com a econômica — por exemplo, sob a forma de greves —, criando tipos mistos de organizações temporárias ou mais ou menos permanentes.

Qual é o significado desse fenómeno? Qual deve ser a atitude da social-democracia diante dele?

O rigoroso espírito de partido é consequência e resultado de uma luta de classes altamente desenvolvida. E, ao contrário, no interesse de uma ampla e aberta luta de classes é necessário o

desenvolvimento de um rigoroso espírito de partido. Por isso, o partido do proletariado consciente, a social-democracia, combate sempre com absoluta razão a ideia de se situar à margem dos partidos, esforçando-se invariavelmente para criar um Partido Operário Socialista coeso e fiel aos princípios. Esse trabalho tem êxito entre as massas à medida em que o desenvolvimento do capitalismo divide todo o povo, cada vez mais profundamente, em classes, aguçando as contradições entre elas.

É perfeitamente compreensível que a presente revolução na Rússia tenha engendrado e engendre tantas organizações situadas à margem dos partidos. Por seu conteúdo econômico-social, esta revolução é democrática ou, melhor, burguesa. Essa revolução derruba o regime autocrático-feudal, abrindo campo livre ao regime burguês, satisfazendo assim as reivindicações de todas as classes da sociedade burguesa, sendo, nesse sentido, uma revolução de todo o povo. Isso não significa, é claro, que nossa revolução não tenha caráter de classe; naturalmente que o tem. Mas esta revolução é dirigida contra as classes e castas que caducaram ou estão caducando do ponto de vista da sociedade burguesa, classes e castas estranhas a essa sociedade e que impedem o seu desenvolvimento. E como toda a vida econômica do país já é burguesa em todos os seus traços fundamentais, como a imensa maioria da população já vive de fato em condições burguesas de existência, os “contrarrevolucionários são, portanto, insignificantes em número, são na realidade “um punhado” em comparação com “o povo”. O caráter de classe da revolução burguesa manifesta-se, pois, inevitavelmente, no seu caráter “popular”. E por isso, à primeira vista, sem caráter de classe, mas como luta de todas as classes da sociedade burguesa contra a autocracia e a servidão.

A época da revolução burguesa distingue-se, tanto na Rússia como em outros países, por um desenvolvimento relativamente incompleto das contradições de classe da sociedade capitalista. É verdade que na Rússia o capitalismo está, hoje, muito mais desenvolvido do que na Alemanha de 1848, sem falar da França de 1789; mas não há dúvida de que as contradições puramente capitalistas ainda estão bastante encobertas em nosso país pelas contradições entre a “cultura” e o asiaticismo, o europeísmo e o tartarismo, o capitalismo e o regime de servidão, isto é, no primeiro plano se apresentam reivindicações cuja satisfação impulsionará o desenvolvimento do capitalismo, o depurará da escória do feudalismo e melhorará as condições de vida e de luta, tanto do proletariado como da burguesia.

Com efeito, se examinarmos o número infinito de reivindicações, exigências e *doléances* (queixas) hoje formuladas na Rússia em cada fábrica ou escritório, em cada regimento, seção da guarda municipal, paróquia, centro de ensino, etc, etc, comprovaremos facilmente que a imensa maioria delas são, se é possível exprimir-se assim, reivindicações de caráter estritamente “cultural”. Quero dizer que não são, propriamente falando, reivindicações específicas de classe, mas exigências de sentido fundamentalmente jurídico, exigências que, longe de destruir o capitalismo, colocam-nos nos marcos do europeísmo e libertam-no da barbárie, da selvageria, do suborno e de outros restos “russos” do regime de servidão. Na realidade, também as reivindicações proletárias limitam-se, na maioria dos casos, a exigir transformações plenamente realizáveis nos limites do

capitalismo. O proletariado da Rússia reclama, hoje, de maneira imediata, não o que mina o capitalismo, mas o que o purifica e o que acelera e impulsiona seu desenvolvimento.

Naturalmente, a situação especial do proletariado na sociedade capitalista faz com que a inclinação dos operários para o socialismo, a união dos operários com o partido socialista, abra caminho espontaneamente nas próprias fases iniciais do movimento. Mas as reivindicações nitidamente socialistas são ainda coisa do futuro, e na ordem-do-dia figuram as reivindicações democráticas dos operários na política; bem como as reivindicações econômicas dentro dos limites do capitalismo, no terreno da economia. Inclusive o proletariado faz a revolução, por assim dizer, dentro dos limites do programa mínimo e não do programa máximo. Não é nem mesmo preciso falar do campesinato, dessa gigantesca massa da população, esmagadora por seu número. Seu “programa máximo”, seus objetivos finais, não vão além das fronteiras do capitalismo, que se desenvolveria com mais amplitude e força se toda a terra passasse às mãos dos camponeses e de todo o povo. A revolução camponesa é atualmente uma revolução burguesa, por muito que essas palavras “ofendam” o ouvido sentimental dos cavalheiros sentimentais de nosso socialismo pequeno-burguês.

O caráter bem delimitado da revolução em desenvolvimento origina organizações à margem dos partidos, em um processo inteiramente natural. Todo o movimento, em seu conjunto, adquire inevitavelmente o selo da independência externa em relação aos partidos, a aparência da falta de filiação política; mas, está claro, somente a aparência. A necessidade de uma vida “humana” e culta, da união, da defesa da própria dignidade e dos direitos do homem e do cidadão abarca tudo e todos, agrupa todas as classes, diminui com gigantesco ímpeto qualquer limite partidário, perturba as pessoas que ainda estão muito longe de ser capazes de se elevar até às posições partidárias. A urgência da conquista dos direitos e reformas imediatas, fundamentalmente necessárias, relega, por assim dizer, a segundo plano, qualquer ideia e pensamento sobre o que virá mais tarde. A paixão pela luta atual, necessária e legítima, sem o que não seria possível o êxito, obriga a idealizar esses objetivos imediatos e elementares, pinta-os de cor-de-rosa e inclusive envolve-os às vezes em roupagem fantástica; o simples democratismo, o vulgar democratismo burguês, é confundido com o socialismo e classificado como socialismo. Tudo é, ao que parece, “independente dos partidos”; tudo se funde, por assim dizer, em um só movimento “libertador” (que, na realidade, liberta toda a sociedade burguesa); tudo adquire um leve verniz superficial de “socialismo”, principalmente graças ao papel de vanguarda do proletariado socialista na luta democrática.

A ideia da posição independente na luta dos partidos não pode deixar de, pelo menos, alcançar, em tais condições, determinadas vitórias passageiras. A independência em relação aos partidos não pode, pelo menos, deixar de passar a ser uma palavra de ordem da moda, pois a moda se agarra impotente ao reboque dos acontecimentos, e uma organização sem cunho partidário aparece precisamente como o fenômeno mais “comum” da superfície política; democratismo à margem dos partidos, movimento grevista à margem dos partidos, revolucionarismo à margem dos partidos.

Pergunta-se agora: qual *tem que ser*, diante desse fato, a posição independente com respeito aos partidos, e diante dessa ideia da independência com respeito aos partidos, a atitude dos partidários e representantes das diferentes classes? Não no sentido subjetivo, mas objetivo, isto é, não no sentido de qual deva ser a atitude diante desse fato, e sim no sentido de que atitude se impõe inevitavelmente subordinada aos interesses e aos pontos de vista das diferentes classes.

II

Como já indicamos, a independência a respeito dos partidos é um produto ou, se quereis, uma expressão do caráter burguês de nossa revolução. A burguesia não pode deixar de, pelo menos, tender para essa independência, pois a ausência de partidos entre os que lutam pela liberdade da sociedade burguesa significa a ausência de uma nova luta contra esta mesma sociedade burguesa. Quem desenvolve uma luta “independente dos partidos” pela liberdade, ou não compreende o caráter burguês da liberdade, ou consagra esse regime burguês, ou adia para as calendas gregas⁽¹⁾ a luta contra ele, o “aperfeiçoamento” do referido regime. E, pelo contrário, quem consciente ou inconscientemente se mantém ao lado da ordem de coisas burguesas, não pode deixar de, pelo menos, sentir inclinação pela ideia de se situar à margem dos partidos.

Numa sociedade baseada em classes, a luta entre as classes hostis converte-se de maneira infalível, numa determinada fase de seu desenvolvimento, em luta política. A luta entre os partidos é a expressão mais perfeita, completa e acabada da luta política entre as classes. A falta de cunho político significa indiferença diante da luta dos partidos. Mas essa indiferença não equivale à neutralidade, à omissão na luta, pois na luta de classes não pode haver neutros, na sociedade capitalista não é possível “abster-se” de participar da troca de produtos ou da força de trabalho. E essa troca engendra infalivelmente a luta econômica e, a seguir, a luta política. Por isso, a indiferença diante da luta não é, na realidade, inibição diante da luta, abstenção dela ou neutralidade. A indiferença é o apoio tácito ao forte, ao que domina. Quem era indiferente na Rússia diante da autocracia antes de sua queda durante a Revolução de Outubro⁽²⁾ apoiava tacitamente a autocracia. Quem é indiferente na Europa contemporânea diante do domínio da burguesia, apoia, tacitamente, a burguesia. Quem mantém uma atitude de indiferença diante da ideia do caráter burguês da luta pela liberdade, apoia, tacitamente, o domínio da burguesia nesta luta, o domínio da burguesia na nascente Rússia livre. A indiferença política não é outra coisa senão a saciedade política. Aquele que está farto é “indiferente” e “insensível” diante do problema do pão de cada dia; porém o faminto será sempre um homem “de partido” nessa questão. A “indiferença e insensibilidade” de uma pessoa diante do problema do pão de cada dia não significa que não necessite de pão, mas que o tem sempre garantido, que nunca precisa dele, que se acomodou bem no “partido” dos que estão saciados. A posição negativa diante dos partidos na sociedade burguesa não é senão uma expressão hipócrita, velada e passiva de quem pertence ao partido dos que estão empanturrados, o partido dos que dominam, o partido dos exploradores.

A posição negativa diante dos partidos é uma ideia burguesa. O espírito de partido é uma ideia socialista. Essa tese, em geral, é aplicável a toda a sociedade burguesa. Naturalmente, é preciso

saber aplicar esta verdade geral às diferentes questões e casos particulares. Mas esquecer essa verdade em certos momentos em que a sociedade burguesa em seu conjunto se lança contra a servidão e a autocracia, significa renunciar de fato e por completo à crítica socialista da sociedade burguesa.

A revolução russa, apesar de encontrar-se ainda em sua fase inicial, já proporciona material suficiente para comprovar as considerações acima expostas. O rigoroso espírito de partido foi e é defendido, exclusivamente, pela social-democracia, pelo partido do proletariado consciente. Nossos liberais, representantes dos pontos de vista da burguesia, não podem transigir com o espírito socialista de partido, nem querem ouvir falar da luta de classes: recordem-se, pelo menos, os discursos recentes do senhor Roditchev, que repetiu pela enésima vez o que já havia sido dito e repetido, tanto por *Osvobojdenie*, editado no estrangeiro, como pelos inúmeros e submissos órgãos do liberalismo russo. Por último, a ideologia da classe média, da pequena burguesia, foi claramente expressa nos pontos de vista dos “radicais” russos de diferentes matizes, começando por *Nasha Jizn*, os “radical-democratas”, e terminando pelos “socialistas revolucionários”. Onde esses últimos confirmaram com maior clareza sua mescla de socialismo e democratismo foi na questão agrária, e precisamente na palavra de ordem de “socialização” (da terra, sem socialização do capital). É sabido também que são transigentes com o radicalismo burguês e intransigentes com a ideia do espírito social-democrático de partido.

Em nosso tema não entra como se refletem os interesses das diferentes classes no programa e a tática dos liberais e radicais russos de todos os matizes. Abordamos, aqui, somente de passagem, esse interessante problema, e devemos passar agora às conclusões políticas práticas sobre a atitude de nosso Partido diante das organizações sem cunho partidário.

É admissível a participação dos socialistas nas organizações situadas à margem dos partidos? Se é, em que condições? Que tática é preciso seguir nessas organizações?

A primeira pergunta não pode ser respondida com um não absoluto, baseado nas considerações de princípios. Seria erro afirmar-se não ser admissível, em nenhum caso e em nenhuma circunstância, a participação dos socialistas nas organizações situadas à margem dos partidos (quer dizer, burguesas, mais ou menos consciente ou inconscientemente). Na época da revolução democrática, a renúncia a participar em organizações independentes dos partidos equivaleria, em certos casos, a renunciar em participar na revolução democrática. Mas, sem dúvida, os socialistas devem circunscrever estreitamente esses “certos casos”, só admitindo essa participação em condições determinadas e limitadas de modo rigoroso. Pois se as organizações independentes dos partidos são engendradas, como já dissemos, por um nível relativamente baixo de desenvolvimento da luta de classes, de outro lado, o rigoroso espírito de partido é uma das condições que transformam a luta de classes numa luta consciente, clara, precisa e fiel aos princípios.

A salvaguarda da independência ideológica e política do partido do proletariado é obrigação constante, invariável e incondicional dos socialistas. Quem não cumpre esta obrigação, deixa *de*

fato de ser socialista, por mais sinceras que sejam suas convicções “socialistas” (socialistas de palavras). Para um socialista, a participação nas organizações sem cunho partidário é permissível só como exceção. E os próprios fins desta participação e seu caráter, as condições que ela exige, etc, devem estar inteiramente subordinados à tarefa fundamental preparar e organizar o proletariado socialista para a direção consciente da revolução socialista.

As circunstâncias podem obrigar-nos a participar em organizações independentes dos partidos, sobretudo na época da revolução democrática, e, em particular, de uma revolução democrática em que o proletariado desempenhe papel relevante. Tal participação pode ser necessária, por exemplo, para propagar o socialismo entre um auditório democrático não definido, ou em benefício da luta conjunta de socialistas e democratas revolucionários diante da contrarrevolução. No primeiro caso, a participação será um meio de tornar os nossos pontos de vista conhecidos; no segundo, um pacto de luta visando à realização de determinados objetivos revolucionários. Em ambos os casos, a participação só pode ser temporária. Em ambos os casos, a participação só é admissível com a condição de se resguardar inteiramente a independência do partido operário e sob a condição de que todo o Partido, em seu conjunto, controle e dirija obrigatoriamente os seus membros e grupos “delegados” às associações ou conselhos situados à margem dos partidos.

Quando a atividade de nosso Partido era secreta, a realização desse controle e dessa direção ofereciam enormes dificuldades, às vezes quase insuperáveis. Agora, quando a atividade do Partido é cada vez mais aberta, esse controle e essa direção podem e devem ser efetuados com a maior amplitude, e indiscutivelmente não apenas pela “cúpula”, mas também pela “base” do Partido, por todos os operários organizados que integram o Partido. Os informes sobre a atuação dos social-democratas nas associações ou conselhos independentes dos partidos e sobre as condições e os objetivos dela, bem como as resoluções de qualquer tipo de organizações do Partido a propósito da referida atuação devem, imediatamente, começar a fazer parte do trabalho prático do partido operário. Só uma tal participação *real* do Partido em seu conjunto, uma participação na *orientação* de todas as atividades desse caráter, pode contrapor de fato o trabalho verdadeiramente socialista ao trabalho democrático geral.

Que tática devemos aplicar nas associações independentes dos partidos? Em primeiro lugar, aproveitar toda possibilidade para estabelecer nossos próprios vínculos e para propagar nosso programa socialista na íntegra. Em segundo lugar, determinar as tarefas políticas imediatas do momento, do ponto de vista da realização mais completa e decidida da revolução democrática, colocar palavras de ordem políticas na revolução democrática, formular o “programa” das transformações que a democracia revolucionária em luta deve levar a cabo, de modo diverso da tratante democracia liberal.

Só colocando o problema dessa maneira pode ser admissível e fecunda a participação dos membros de nosso Partido nas organizações revolucionárias independentes dos partidos, hoje criadas pelos operários, amanhã pelos camponeses, depois de amanhã pelos soldados, etc. Só colocando dessa maneira o problema estaremos em condições de cumprir a dupla tarefa do partido

operário na revolução burguesa: levar até o fim a revolução democrática, ampliar e reforçar os quadros do proletariado socialista, que necessita de liberdade para desencadear uma luta impiedosa pela derrubada do domínio do capital.

Notas de rodapé:

(1) Calendas: no antigo calendário romano, é o primeiro dia de cada mês. Os gregos não tinham esta denominação.

Adiar até às calendas gregas: expressão irônica que expressa um tempo que não chegará nunca. (retornar ao texto)

(2) Referência à greve geral política de outubro de 1905 na Rússia e ao desprestígio da autocracia em todos os setores da população, durante o período da aguda crise revolucionária.

<http://marxists.org/portugues/lenin/1917/09/16.htm>

Sobre os Compromissos

V. I. Lénine

16 de Setembro de 1917

Transcrição autorizada



Escrito: em 1-3 (14-16) de Setembro de 1917.

Primeira Edição: em 19 de Setembro de 1917 (6 Outubro), no nº3 do Rabótchi Put Assinado: N. Lénine.

Fonte: Obras Escolhidas em Três Tomos, 1977, t2, pp 155-159, Edições Avante! - Lisboa, Edições Progresso - Moscovo.

Tradução: Edições "Avante!" com base nas *Obras Completas* de V. I. Lénine, 5.^a ed. em russo, t. 34, pp. 133-139.

Transcrição: Partido Comunista Português

Enviado: Diego Grossi Pacheco

HTML: Fernando A. S. Araújo, março 2009.

Direitos de Reprodução: © Direitos de tradução em língua portuguesa reservados por Edições "Avante!" - Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1977.

Chama-se compromisso em política ao abandono de certas exigências, à renúncia a uma parte das reivindicações próprias, em virtude de um acordo com outro partido.

A ideia habitual das pessoas comuns sobre os bolcheviques, sustentada pela imprensa que calunia os bolcheviques, consiste em que os bolcheviques nunca aceitam quaisquer compromissos com ninguém.

Tal ideia é lisonjeira para nós, como partido do proletariado revolucionário, pois prova que até os próprios inimigos são obrigados a reconhecer a nossa fidelidade aos princípios fundamentais do socialismo e da revolução. Mas, no entanto, é preciso dizer a verdade: tal ideia não corresponde à realidade.

Engels tinha razão quando, na sua crítica ao manifesto dos blanquistas-comunistas (1873), ridicularizava a sua declaração: «Nenhuns compromissos!»^[N122]. Isto é uma frase, dizia ele, pois é frequente que as circunstâncias imponham inevitavelmente compromissos a um partido em luta, e é absurdo renunciar de uma vez para sempre a «receber o pagamento da dívida por partes»^[N123]. A tarefa de um partido verdadeiramente revolucionário não consiste em proclamar impossível a renúncia a quaisquer compromissos, mas em saber permanecer fiel, através de todos os compromissos, na medida em que eles são inevitáveis, aos seus princípios, à sua classe, à sua missão revolucionária, à sua tarefa de preparação da revolução e de educação das massas do povo para a vitória da revolução.

Um exemplo. Participar na III e IV Dumas foi um compromisso, uma renúncia temporária às reivindicações revolucionárias. Mas isto foi um compromisso absolutamente forçoso, pois a correlação de forças excluía para nós, por um certo tempo, a luta revolucionária de massas, e para a sua prolongada preparação era necessário saber trabalhar também de dentro de semelhante «pocilga». A história demonstrou que os bolcheviques tinham inteiramente razão, como partido, em tal colocação da questão.

Agora a questão é não a de um compromisso forçoso, mas voluntário.

O nosso partido, como qualquer outro partido político, aspira ao domínio político para si. O nosso objectivo é a ditadura do proletariado revolucionário. Meio ano de revolução confirma, com extraordinária clareza, força e eloquência, a justeza e a inevitabilidade dessa exigência, precisamente no interesse da revolução actual, pois de outro modo o povo não obterá nem uma paz democrática, nem a terra para os camponeses, nem a completa liberdade (uma república inteiramente democrática). O curso dos acontecimentos em meio ano da nossa revolução, a luta das classes e dos partidos, o desenvolvimento das crises de 20-21 de Abril, de 9-10 e 18-19 de Junho, de 3-5 de Julho e de 27-31 de Agosto mostraram-no e demonstraram-no.

Agora começou na revolução russa uma viragem tão brusca e tão original que, como partido, podemos propor um compromisso voluntário, não certamente à burguesia, nosso inimigo de classe principal e directo, mas aos nossos adversários mais próximos, os partidos pequeno-burgueses democráticos «dirigentes», os socialistas-revolucionários e os mencheviques.

Só como excepção, só por força de uma situação especial que, evidentemente, se manterá apenas por um período muito curto, podemos propor um compromisso a estes partidos e, em minha opinião, devemos fazê-lo.

Compromisso é, da nossa parte, o nosso regresso à reivindicação de antes de Julho: todo o poder aos Sovietes, governo de socialistas-revolucionários e mencheviques, responsável perante os Sovietes.

Agora e só agora, e talvez durante alguns dias apenas, ou uma-duas semanas, um tal governo poderia criar-se e consolidar-se de modo inteiramente pacífico. Poderia garantir com uma probabilidade gigantesca um movimento pacífico para a frente de toda a revolução russa e possibilidades extremamente grandes de grandes passos em frente do movimento mundial para a paz e a vitória do socialismo.

Só em nome desse desenvolvimento pacífico da revolução — da possibilidade extremamente rara na história e extremamente preciosa, possibilidade excepcionalmente rara —, só em seu nome os bolcheviques, partidários da revolução mundial, partidários dos métodos revolucionários, podem e devem, em minha opinião, aceitar tal compromisso.

O compromisso consistiria em que os bolcheviques, sem pretender uma participação no governo (impossível para um internacionalista sem a realização efectiva das condições da ditadura do proletariado e do campesinato pobre), renunciassem à apresentação imediata da reivindicação da passagem do poder para o proletariado e para os camponeses pobres e aos métodos revolucionários de luta por esta reivindicação. A condição, por si mesmo evidente e não nova para os socialistas-revolucionários e mencheviques, seria a plena liberdade de agitação e a convocação da Assembleia Constituinte sem novos adiamentos, ou mesmo num prazo mais breve.

Os mencheviques e os socialistas-revolucionários, como bloco governamental, concordariam (supondo que o compromisso se realizava) em formar um governo inteira e exclusivamente responsável perante os Sovietes, com a transmissão para as mãos dos Sovietes de todo o poder, incluindo o local. Nisto consistiria a «nova» condição. Penso que os bolcheviques não deveriam apresentar nenhuma outra condição, confiando em que uma efectivamente completa liberdade de agitação e a imediata realização de uma nova democracia na composição dos Sovietes (sua reeleição) e no seu funcionamento, garantiriam por si mesmas um movimento pacífico da revolução para a frente e a superação pacífica das lutas partidárias no seio dos Sovietes.

Talvez isto seja já impossível? Talvez. Mas se existe uma só possibilidade em cem, valeria a pena a experiência da realização de tal possibilidade.

Que ganhariam com esse «compromisso» ambas as partes «contratantes», ou seja, os bolcheviques por um lado e o bloco dos socialistas-revolucionários e mencheviques por outro? Se ambas as partes nada ganham é necessário considerar o compromisso impossível e então não falar dele a ninguém. Por mais difícil que seja agora (depois de Julho e Agosto, dois meses que equivalem a duas décadas de tempos sonolentos, «pacíficos») esse compromisso, parece-me que existe uma pequena possibilidade para a sua realização, e essa possibilidade é criada pela decisão

dos socialistas-revolucionários e mencheviques de não entrar num governo juntamente com os democratas-constitucionalistas.

Os bolcheviques ganhariam na medida em que obteriam a possibilidade de fazer agitação com inteira liberdade a favor das suas opiniões e, em condições de uma democracia efectivamente completa, de procurar conseguir influência nos Sovietes. Em palavras, «todos» reconhecem agora essa liberdade aos bolcheviques. Mas na realidade ela é impossível com um Governo burguês ou com um governo em que participe a burguesia, com um governo que não seja soviético. Com um governo soviético, essa liberdade seria possível (não dizemos: infalivelmente garantida, mas em todo o caso possível). Para assegurar essa possibilidade, conviria, num momento tão difícil, entrar num compromisso com a actual maioria nos Sovietes. Nós nada tememos de uma verdadeira democracia, pois que a vida é a nosso favor e mesmo o curso do desenvolvimento das tendências dentro dos partidos dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques, nossos adversários, confirma que temos razão.

Os mencheviques e os socialistas-revolucionários ganhariam na medida que obteriam de imediato a inteira possibilidade de realizar o programa do seu bloco, apoiando-se na manifestamente enorme maioria do povo e assegurando a utilização «pacífica» da sua maioria nos Sovietes.

Certamente que de dentro desse bloco, heterogéneo por ser bloco, mas também porque a democracia pequeno-burguesa é sempre menos homogénea do que a burguesia e o proletariado, de dentro desse bloco ouvir-se-iam, inevitavelmente, duas vozes.

Uma voz diria: o nosso caminho não é de modo nenhum o dos bolcheviques, do proletariado revolucionário. Ele, de qualquer modo, exigirá demasiado e arrastará com demagogia o campesinato pobre. Exigirá a paz e a ruptura com os aliados. Isto é impossível. Estamos mais próximos e melhor com a burguesia, não rompemos com ela; apenas altercámos por breve tempo e apenas por causa de um incidente com Kornílov. Altercámos, mas reconciliar-nos-emos. Além disso, os bolcheviques não nos «cedem» absolutamente nada, pois as tentativas de insurreição da sua parte estão absolutamente condenadas à derrota, como a Comuna de 1871.

A outra voz diria: a referência à Comuna é muito superficial e mesmo tola. Pois, primeiro lugar, os bolcheviques aprenderam alguma coisa desde 1871, e eles não deixariam de tomar os bancos nas suas mãos e não se recusariam à ofensiva sobre Versailles; e em tais condições até a Comuna podia vencer. Além disso, a Comuna não podia oferecer imediatamente ao povo aquilo que os bolcheviques podem oferecer-lhe se conseguirem o poder, a saber: a terra aos camponeses, a proposta imediata de paz, um controlo verdadeiro sobre a produção, uma paz honesta com os ucranianos, com os finlandeses, etc. Falando em termos vulgares, os bolcheviques têm nas mãos dez vezes mais «trunfos» do que tinha a Comuna. Em segundo lugar, a Comuna significa de qualquer modo uma penosa guerra civil, uma longa interrupção depois de um desenvolvimento cultural

pacífico, o facilitar das operações e das manobras de todos os MacMahon e Kornílov, e tais operações ameaçam toda a nossa sociedade burguesa. Será sensato correr o risco de uma Comuna?

Mas a Comuna é inevitável na Rússia se nós não tomamos o poder, se as coisas continuam na mesma situação difícil em que estiveram desde 6 de Maio até 31 de Agosto. Todos os operários e soldados revolucionários pensarão inevitavelmente na Comuna, confiarão nela, farão inevitavelmente a tentativa de a realizar, raciocinando: o povo perece; a guerra, a fome, a ruína, crescem cada vez mais. Só a Comuna nos pode salvar. Sacrifiquemo-nos, morramos todos, mas realizemos a Comuna! Tais pensamentos são inevitáveis nos operários e não será tão fácil agora derrotar a Comuna como em 1871. A Comuna russa terá em todo o mundo aliados cem vezes mais fortes que em 1871 ... Será sensato corrermos o risco de uma Comuna? Também não se pode concordar com que no fundo os bolcheviques não nos dão nada com o seu compromisso. Pois em todos os países civilizados os ministros civilizados dão muito apreço a qualquer acordo, por pequeno que seja, com o proletariado durante a guerra. Dão um apreço muito, muito grande. Mas é gente activa, verdadeiros ministros. Os bolcheviques fortalecem-se com bastante rapidez, apesar da repressão, apesar da debilidade da sua imprensa ... Será sensato corrermos o risco de uma Comuna?

Temos uma maioria garantida, ainda não está tão próximo o despertar do campesinato pobre; temos tempo suficiente. Não creio que num país camponês a maioria siga os extremistas. E contra uma maioria manifesta, numa república verdadeiramente democrática, a insurreição é impossível. Assim falaria a segunda voz.

Talvez se encontre uma terceira voz, de entre quaisquer partidários de Martov ou de Spiridonova, que diga: indigna-me, «camaradas», que vós ambos, raciocinando sobre a Comuna e a sua possibilidade, vos coloqueis sem vacilações ao lado dos seus adversários. Um de uma forma, outro de outra, mas ambos estais ao lado daqueles que esmagaram a Comuna. Não irei fazer campanha pela Comuna, não posso prometer de antemão combater nas suas fileiras como faz qualquer bolchevique, mas devo no entanto dizer que se a Comuna surge apesar dos meus esforços, antes ajudarei os seus defensores que os seus adversários...

A divergência no «bloco» é grande e inevitável, pois na democracia pequeno-burguesa está representada uma infinidade de matizes, que vão do completamente burguês completamente ministeriável até ao quase mendigo que ainda não é inteiramente capaz de passar para a posição do proletário. E ninguém sabe qual vai ser em cada momento concreto o resultado dessa divergência.

* * *

As linhas precedentes foram escritas na sexta-feira 1 de Setembro, e, devido a circunstâncias fortuitas (a história dirá que, sob Kérenski, nem todos os bolcheviques gozavam da liberdade de escolher o seu domicílio), não chegaram à redacção nesse mesmo dia. Mas depois da leitura dos jornais de sábado e de hoje, domingo, digo-me: talvez seja já demasiado tarde para propor um compromisso. Talvez tenham passado também os poucos dias em que era possível ainda um

desenvolvimento pacífico. Sim, tudo indica que já passaram^[N124]. Kérenski afastar-se-á, de um modo ou de outro, tanto do partido dos socialistas-revolucionários como dos socialistas-revolucionários, e reforçar-se-á com a ajuda dos burgueses sem os socialistas-revolucionários, graças à sua inacção ... Sim, tudo indica que já lá vão os dias em que se tornara ocasionalmente possível o caminho do desenvolvimento pacífico. Só me resta enviar estas notas à redacção com o pedido de as intitular: «Pensamentos tardios» ... Por vezes talvez tenha interesse conhecer mesmo os pensamentos tardios.

Notas de fim de tomo:

[N122] Ver F. Engels, A literatura dos Emigrados. II, O Programa dos Emigrados Blanquistas da Comuna. (In Karl Marx/Friedrich Engels, Werke, Bd. 18, S. 528-535.)

[N123] Ver a carta de F. Engels a F. Turati de 26 de Janeiro 1894. (In Karl Marx/Friedrich Engels, Werke, Bd. 22, S. 440.)

[N124] Depois de ter sido esmagado o levantamento armado de Kornílov, colocou-se a questão da formação de um novo Governo Provisório no qual, pressupunha-se, ao lado dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários deveriam participar também os democratas-constitucionalistas. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários, temendo perder definitivamente a confiança das massas, declararam recusar-se a entrar num governo com a participação dos democratas-constitucionalistas. Em 1 (14) de Setembro de 1917 o Governo Provisório resolveu criar um directório constituído por 5 pessoas: A.F. Kérenski, A.I. Verkhóvski, D.N. Verderévski, A.M. Nikítine e M.I. Teréchtchenko. Os democratas-constitucionalistas não entraram formalmente no governo, mas este foi formado na base de um acordo com eles. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários, no plenário conjunto do Comité Executivo Central dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados e do Comité Executivo do Soviete de Deputados Camponeses de 2 (15) de Setembro, apresentaram uma resolução expressando confiança no novo governo. Desta maneira, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, declarando em palavras o rompimento com os democratas-constitucionalistas, ajudaram uma vez mais os capitalistas e latifundiários a conservarem o poder nas suas mãos.